



A humanização no ambiente hospitalar por meio da música

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MÚSICA E INTERFACES

Luanda Oliveira Souza

Universidade Federal de São Paulo – luanda.o.souza@gmail.com

Resumo: Este trabalho é uma pesquisa de mestrado em andamento inserida no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UNIFESP. O estudo tem parceria com o Grupo Saracura, coletivo de músicos que atua na promoção de práticas musicais em nove ambientes de saúde da cidade de São Paulo. Pretende-se verificar como a música pode modificar a paisagem sonora hospitalar de forma humanizadora, de acordo com as perspectivas do conceito de humanização abordadas na linha de pesquisa Humanidades, Narrativas e Humanização em Saúde.

Palavras-chave: Humanização. Música. Ambiente hospitalar. Paisagem sonora.

Humanization in the Hospital through Music

Abstract: This study is a master's degree research in progress in the Graduate Program in Collective Health of UNIFESP. The research has a partnership with Grupo Saracura, a group of musicians that works to promote musical practices in nine hospitals in the city of São Paulo. We intend to verify how music can modify the hospital Soundscape in a humanizing way, according to the perspectives of the concept of humanization addressed in the Humanities, Narratives and Humanization in Health research line.

Keywords: Humanization. Music. Hospital. Soundscap.

1. Introdução

A pesquisa em andamento faz parte da linha Humanidades, Narrativas e Humanização em Saúde desenvolvida junto ao Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi) e ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina (EPM) da Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP, tendo aprovação dos comitês de ética dos hospitais envolvidos.

O presente trabalho tem parceria com o Grupo Saracura¹, e iniciou a coleta de dados no Instituto da Criança Hospital das Clínicas- FMUSP, no Hospital do Coração – Associação do Sanatório Sírio e no Hospital Infantil Sabará. As análises dos dados, próxima etapa do desenvolvimento da pesquisa, serão realizadas por meio do estudo e interpretação dos diários de campo resultantes das observações participante e pelas narrativas das entrevistas de história oral com pacientes, pais, músicos e profissionais da saúde de modo a verificar se a música pode ser um caminho para humanizar o hospital.

2. A humanização e sua relação com a música

A música está presente entre as atividades dos seres humanos desde as mais remotas épocas, sendo relevante em praticamente todas as culturas no mundo. Em muitas sociedades atribui-se à música o poder de curar e aliviar dores e demais aflições humanas. Essa forma de arte é relevante por ser um poderoso agente de estimulação motora, intelectual, sensorial, e emocional (SEKEFF, 2007, p.17).

Estudiosos de diversificadas áreas do conhecimento buscam desvendar o motivo pelo qual a música é tão eminente e prestigiada pelos indivíduos. Segundo Araújo e Ilari (2003, p. 11), arqueólogos visam vestígios materiais que comprovem a existência de práticas musicais; neurocientistas usam modernas técnicas para investigar como os padrões rítmicos ocorrem no cérebro humano; musicólogos analisam obras de importantes compositores e sua relação com a sociedade e cultura; educadores musicais objetivam compreender como ocorrem os processos de ensino e aprendizagem no ensino de música em todas as idades, musicoterapeutas se utilizam de recursos sonoros para o tratamento terapêutico, (RUUD, 1990), enfim, várias áreas do conhecimento têm buscado investigar a música em diferentes abordagens.

Simultaneamente, as ciências médicas evoluíram fortemente possibilitando a cura para variados tipos de doenças, trazendo mais saúde e qualidade de vida para as pessoas. O impacto do desenvolvimento científico na medicina, de acordo com Gallian, (GALLIAN et al., 2012, p.7) se deu devido aos avanços de pesquisas em áreas como a fisiologia humana, a biologia molecular e celular, o desenvolvimento da farmacologia, a confecção de equipamentos de alta tecnologia, que proporcionaram transformações que modificaram a forma de praticá-la:

Atualmente, as Ciências Médicas ou Biomédicas figuram como a mais prestigiosa e recente esperança da Modernidade, chave para a resolução não só para todos os problemas e patologias que ela própria criou, como também e principalmente solução para o problema mais essencial de toda a história da humanidade: a superação da dor, do sofrimento e da própria morte.” (GALLIAN et al, 2012 p.7)

Entretanto, mesmo que esses avanços sejam essenciais, consoantes a eles a forma de atendimento se modificou vigorosamente: se antes a assistência médica ocorria nos domicílios com poucos recursos, hoje ela acontece em larga escala em hospitais e centros de saúde, e na medida em que o acesso aos centros médicos se multiplicou, cresceram também os problemas com relação ao atendimento dos pacientes.

Dessa forma, apesar de as evoluções tecnológicas terem propiciado inúmeros benefícios em diversas áreas do conhecimento, também surgiram seus reveses, pois o desenvolvimento científico que ocorreu em um curto espaço de tempo mudou realidade do clima, da paisagem, do ambiente, dos meios de comunicação e das formas de se relacionar com as pessoas, entre outros aspectos (GALLIAN et al, 2012 p. 6-7). Como essas transformações sucederam de modo rápido, é possível que a própria sociedade não tenha parado para refletir até que ponto a tecnologia deva ir, e fica-se a impressão que o conhecimento técnico e/ou científico possa “substituir” algumas ações humanas essenciais, algo que dentro de um ambiente de saúde pode ser impactante. Para Pessini e Bertachini “a valorização exacerbada e reducionista de ‘ciência’ enfraqueceu a riqueza da experiência pessoal” (PESSINI; BERTACHINI, 2014, p.439)

3. O som, a paisagem sonora e os papéis da música

Em uma definição elementar, a música é a arte do som (LACERDA, 1961, p.1). Em busca de refletir sobre seu aspecto físico, é importante delimitar que todo som é uma onda, na qual os corpos vibram. Essa vibração é transmitida para a atmosfera, captada pelo ouvido e interpretada pelo cérebro, que lhe atribui sentidos (WISNIK, 2007, p. 17). Quanto aos seus aspectos físicos e metafísicos, o som pode ser definido como: “produto de uma sequência rapidíssima (e geralmente imperceptível) de *impulsões e repousos*, de impulsos (que se representam pela ascensão da onda) e de *quedas cíclicas* desses impulsos, seguidas de sua reiteração” (WISNIK, 2007, p.17).

Os sons apresentam características ou propriedades que são definidas como: timbre, intensidade, altura e duração. Dessa forma, as combinações sonoras e suas respectivas características também dependem da interpretação de cada ser humano, e o significado sonoro pode ser uma experiência individual ou coletiva. A partir da interpretação sonora, os sons que são considerados desagradáveis também fazem parte das culturas, da natureza, da sociedade e até mesmo da própria obra musical, observe:

A natureza oferece dois grandes modos de experiência da onda complexa que faz o som: frequências regulares, constantes, estáveis, como aquelas que produzem o som afinado, com altura definida; e frequências irregulares inconstantes, instáveis, como aquelas que produzem barulhos, manchas, rabiscos sonoros, ruídos. (WISNIK, 2007, p. 26)

Assim, percebe-se que os sons: agradáveis ou desagradáveis, organizados ou não, produzidos pelo homem propositalmente ou de forma aleatória, ou ofertados pela natureza; preenchem os ambientes de todas as partes do nosso planeta.

Sobre esta temática, Schafer (2001), realizou relevantes pesquisas em diversas partes do mundo englobando estudos sônicos: acústica, psicoacústica, otologia, procedimentos e práticas para o controle de ruídos, percepção de padrões auditivos, entre outros, abrangendo aspectos da paisagem sonora mundial. Estas pesquisas, segundo o mesmo autor, questiona qual a relação entre os homens e o sons ambientes. (SCHAFER, 2001, p. 18).

A paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo um ambiente acústico como paisagens sonoras. Podemos isolar um ambiente acústico como um campo de estudo, do mesmo modo que podemos estudar as características de uma determinada paisagem sonora. (SCHAFER, 2001, p.22).

Ampliando o assunto em aspectos culturais e sociais, segundo Petraglia (2010), atualmente pode-se afirmar que todas as culturas fazem música, ou seja, uma combinação de sons, e seus membros se expressam musicalmente, e ela pode ser criada e tocada desde o modo mais rudimentar até a forma altamente sofisticada (PETRAGLIA, 2013, p. 123). Dentro da filosofia da música, Petraglia expõe que, segundo Victor Zuckerkandl, o homem é um ser musical predisposto à música e com necessidade de música, ou seja “a musicalidade não é algo que alguém possa ter ou não ter, mas algo que junto com os outros fatores é constitutivo do ser humano. Faz-se música porque a música faz parte da vida” (PETRAGLIA, 2013, p. 123).

Para além dos aspectos físicos, sociais e culturais, a música também é conceituada como uma forma de arte que apresenta o propósito de expressão e comunicação, sendo a arte uma metalinguagem, na qual os homens tentam comunicar-se entre si, partilham informações sobre si próprios e assimilam a experiência dos outros (TARKOVSKI, 1998, p.55). Segundo o mesmo autor, a arte pode causar impacto emocional, é capaz de persuadir as pessoas através da energia que o artista impregnou na obra (TARKOVSKI, 1998, p.40).

Ao relacionar os aspectos musicais e seus desdobramentos no ser humano, é possível iniciar a reflexão sobre quais características sonoras existem no hospital, campo de estudo acústico da presente pesquisa, e como um grupo de músicos afeta a paisagem sonora do ambiente hospitalar na perspectiva do paciente, acompanhante, e profissional de saúde.

4. Caminhos metodológicos: desenvolvimento do estudo

É relevante especificar que apesar da atuação da pesquisa ocorrer diretamente no hospital, o presente trabalho não é sobre musicoterapia. Isso é justificado pelo fato de que as análises dos dados não permeiam temáticas terapêuticas, mesmo que elas possam ocorrer no contexto hospitalar; e além disso, a principal pesquisadora não tem a formação acadêmica necessária na musicoterapia, tendo total respeito a esse campo de conhecimento. Os pesquisadores apresentam seus estudos na interface entre a música e saúde, focados no conceito de humanização.

A coleta de dados ocorreu no Instituto da Criança do Hospital das Clínicas – FMUSP, Hospital do Coração – Associação do Sanatório Sírio e Hospital Infantil Sabará, após as aprovações nos comitês de ética de cada instituição de saúde, permanentemente em parceria com o Grupo Saracura. Em cada hospital, a atuação primária foi de observação participante durante uma média de oito visitas musicais que ocorreram semanalmente com 4 horas de duração em cada ambiente de saúde. Esse tipo de observação, caracterizada como participante, é caracterizada por existir uma interação entre pesquisador/pesquisado (VALLADARES, 2007). Sendo assim, a pesquisadora acompanhou uma dupla de músicos, apenas cantando e usando o jaleco do Grupo Saracura, para não causar estranheza por parte dos pacientes e sem o dever de conduzir as ações musicais, mas sim colaborar das propostas feitas pelos músicos.

Durante as observações foi escrito um diário de campo com as impressões pessoais em torno da paisagem sonora do ambiente, verificando o antes e o depois da entrada dos músicos, tendo como foco olhar os semblantes dos pacientes e suas possíveis interações com os artistas.

Após as observações, foram realizadas entrevistas baseadas na história oral, metodologia caracterizada por ser “uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato.” (MEIHY; HOLANDA; 2014, p.18). Nesse método de coleta de dados, os entrevistados são considerados colaboradores da pesquisa. Durante as gravações das entrevistas foi pedido que o entrevistado contasse suas histórias de vida de forma livre com intervenções da pesquisadora somente quando necessário (MEIHY; HOLANDA; 2014).

O motivo de optar pelo uso da história oral justifica-se no fato dela ser uma metodologia qualitativa muito aplicada em estudos da linha Humanidades, Narrativas e Humanização em Saúde e por esse tipo de entrevista gerar uma documentação ampla e

abrangente sob os olhares dos seres humanos baseado em suas próprias narrativas (BITTAR, 2011, p. 46).

Dos doze colaboradores, foram realizadas entrevistas com quatro pessoas no Hospital do Coração, seis no Hospital Infantil Sabará e dois músicos do Grupo Saracura. Das entrevistas nos hospitais, ouvimos: duas médicas da UTI pediátrica, uma psicóloga e uma enfermeira; dois pacientes e suas respectivas mães, duas mães de pacientes que se encontravam na UTI, na qual as crianças não puderam ser entrevistadas devido à idade e condição de saúde. A escolha por entrevistar os pacientes e pais teve o objetivo de verificar a percepção de quem recebe a música, na busca de analisar como ela é vivenciada e se ela influencia na estadia hospitalar. As entrevistas feitas com crianças respeitaram a linguagem infantil. Optou-se também em entrevistar quem faz a música, com a finalidade de averiguar os motivos que levam os artistas a tocarem num ambiente tão distinto do dos palcos. Essa reflexão vem da hipótese de que o músico também se humaniza ao atuar em um ambiente de saúde e que existe uma troca de saberes nessa experiência. As entrevistas com os profissionais da saúde são necessárias tanto para analisar se eles também são sensibilizados pela arte quanto para averiguar em que medida a música pode modificar o ambiente hospitalar, já que esses profissionais estão em constante convívio com cotidiano dos pacientes.

Posterior às gravações, as entrevistas passaram pelo processo de transcrição, que envolve a passagem do oral para o escrito sem perder de vista o referencial gravado, ou seja, respeitando a intenção original que o colaborador quis comunicar (MEIHY; HOLANDA; 2014, p.135). Para isso, cada entrevista foi ouvida e transcrita de forma absoluta, ou seja, as palavras foram escritas exatamente como o colaborador falou, mantendo as repetições, erros e palavras sem peso semântico, tendo literalmente o diálogo entre o pesquisador e colaborador (MEIHY; HOLANDA; 2014, p.140). Após essa fase, as entrevistas passaram pela textualização, na qual foram retirados os erros gramaticais em favor de um texto mais claro.

Finalizou-se com a narrativa que incluiu com mais abrangência como foi a atmosfera da entrevista, na qual o pesquisador relatou emoções como riso, choro, gestos faciais, entre outros aspectos. Após isso, a versão final foi enviada para cada colaborador para sua conferência e aprovação, sendo possível modificá-la caso não haja concordância com a narrativa. (MEIHY; HOLANDA; 2014).

Para a interpretação dos dados, fase ainda não alcançada na pesquisa, serão feitas análises a partir do processo de imersão e cristalização, inspirada na fenomenologia hermenêutica. Esse método de pesquisa qualitativa consiste em realizar um ciclo de análises no qual o pesquisador imerge em sua coleta de dados e nas bases literárias usando também da

intuição para encontrar temas que cristalizarão afim de realizar interpretações consistentes. (BORKAN, 1999, p. 179-180).

Tal método exige do pesquisador um posicionamento mais engajado e intuitivo, pois nele é necessário ler e reler os dados coletados em busca dos pontos em comum, que serão as temáticas buscadas nos objetivos da pesquisa, ou mesmo novas hipóteses que podem surgir. A imersão e cristalização demanda tempo e paciência por parte do pesquisador, pois somente após exaustiva análise de dados é possível descrever precisamente os significados e resultados das experiências da pesquisa. (BORKAN, 1999, p. 193). Dessa forma, as anotações no diário de campo junto as narrativas dos colaboradores serão analisadas, comparadas e discutidas em busca de visualizar os temas para debate-los de acordo com os objetivos do projeto.

5- Considerações: resultados preliminares e perspectivas da pesquisa

Apesar da fase de análise e interpretação de dados não ter ocorrido por completo, as anotações dos diários de campo demonstram que, de um modo geral, os pacientes apreciam a música, havendo reações como alegria, contentamento, calma, entusiasmo, emoção, entre outras percepções, dependendo a música e do contexto. Além disso, todos os entrevistados disseram apreciar a atuação do Grupo Saracura e consideram relevante existir música no ambiente hospitalar.

Espera-se que a pesquisa possa colaborar com a reflexão sobre como a música pode contribuir com a humanização no ambiente hospitalar e que ela possa modificar sua paisagem sonora em prol da qualidade de vida de todos que presenciam o cotidiano hospitalar: pacientes, acompanhantes, profissionais da saúde. Busca-se também divulgar os resultados em Congressos das áreas da Música e Saúde Coletiva para também ampliar a discussão sobre as interfaces entre a música e saúde, bem como para o aprimoramento das atividades artísticas nesse contexto.

Referências:

BITTAR, Yuri. *Um laboratório para humanização em saúde – O Laboratório de Humanidades e a literatura como instrumento de Humanização*. São Paulo, 2011. 252 f. Dissertação (Mestrado em ciências da saúde – Centro de História e Filosofia da Faculdade de Ciências Médicas) Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. 2011.

BORKAN, Jeffrey. Immersion/Crystallization. In: BENJAMIN F., et all. *Doing Qualitative Research*. London: Ed. Sage, 1999. Cap. 10



GALLIAN, Dante. M. C.; PONDE, Luis. F.; RUIZ, Rafael. Humanização, humanismos e Humanidades: problematizando conceitos e práticas no contexto da saúde no Brasil. *Revista Internacional de Humanidades Médicas*. Common Ground y Fundación Iatrós Madri-Espanha, v.1 n.1– Madri- Espanha, p. 5-15, 2012.

ILARI, B. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.9, p.7-16, set. 2003. Disponível em:<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/395/322>. Acesso em: 20 fev. 2016.

LACERDA, Osvaldo. *Compêndio de teoria elementar*. 15. ed. São Paulo: Editora Ricordi Brasileira, 1961.

MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PESSINI, Leo; BERTACHINI, Luciana. Humanização e ética no âmbito dos cuidados de saúde: redescobrimo o valor da acolhida e da hospitalidade. In: PESSINI, Leo; BERTACHINI, Luciana; BARCHIFONTAINE, Christian de P. d. (Orgs.) *Bioética, Cuidado e Humanização: humanização dos cuidados de saúde e tributos de gratidão*. Volume 3. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Edições Loyola, 2014. cap. 25.

PETRAGLIA, Marcelo. S. *A música e sua relação com os seres humanos*. Botucatu: Editora OuvirAtivo, 2010.

PETRAGLIA, Marcelo. S. Humanamente Musicar. *Revista Prata da Casa-* escritas e depoimentos sobre gênese, trajetórias e perspectivas do Grupo Mais. São Paulo: Editora Oboré, 2013.

RUUD, Even. *Caminhos da Musicoterapia*. São Paulo: Editora Summus, 1990.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo. Uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. Tradução de Marisa T. Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SEKEFF, Maria de L. *Da música, seus usos e recursos*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

TARKOVSKII, Andrei. *Esculpir o tempo*. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 22, n. 63. Fev. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092007000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 set.2014

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. 2. ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2007.

Notas

¹ Maiores informações sobre o Grupo Saracura: <<http://gruposaracura.com.br/quem-somos/#conheca-o-grupo>>.